

Uma conversa para Negrar o Imaginário Social *A conversation to Blacken Social Imaginary*

Izabel Espindola Barbosa

Instituto Federal Farroupilha; Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6519-3144>

E-mail: espindolabarbosa.izabel@gmail.com

Valeska Maria Fortes de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8295-1007>

E-mail: vfortesdeoliveira@gmail.com

Recepção: 21.10.2024

Aprovação: 17.11.2024



Resumo: Propomos uma conversa para Negrar o Imaginário Social instigadas pelo termo ‘alma tigrada’ na discussão do Dossiê ‘Imaginário em perspectiva latino-americana’. Ao voltar nosso olhar, dos estudos do Imaginário Social, à realidade em que vivem os latinos-americanos, junto à história instituída que ainda segregava pessoas por tons de pele, a representação semântica de um termo pode conter abordagens violentas. Uma violência que na escrita costuma ser silenciosa. Assim, trazemos para o texto dois conceitos para pensar a Améfrica Ladina e os imaginários: desaprendizagem (Rufino, 2021) e amefricanidade (Gonzalez, 2020), como revisão teórico-conceitual dos imaginários, com intuito de cismar - termo em ‘brasileiro’ que carrega o movimento de reflexão crítica. O texto é carregado de conceitos outros, de intelectuais afrodescendentes, principalmente de mulheres - mesmo silenciadas na exclusão de seus primeiros nomes nas citações. Contra esse silêncio normatizado violento, tentamos, sempre que possível, escrever o primeiro nome de mulheres. Essa demarcação de ‘mulheres’ propõe o compartilhamento de conhecimentos dessas - e de muitas outras - intelectuais mulheres negras que desafiam os modelos instituídos para, desejamos, um Negrar na educação.

Palavras-Chave: negrar, imaginário social, desaprendizagem, amefricanidade, educação

Abstract: We propose a conversation to Blacken the Social Imaginary instigated by the term ‘brindle soul’ in the discussion from the dossier ‘Imaginary from a Latin American perspective’. When turning our gaze, from studies of the Social Imaginary, to the reality in which Latin Americans live, along with the established history that still segregates people by skin tone, the imaginary significance of a term can contain violent approaches. A violence that in writing is usually silent. Thus, we bring to the text two concepts to think about Améfrica Ladina and the imaginaries: *desaprendizagem* (Rufino, 2021) and amefricanity (Gonzalez, 2020), as a theoretical-conceptual review of the imaginaries, with the aim of *cismar* - a term in Brazilian ' which carries the movement of critical reflection. The text is full of other concepts, from Afro-descendant intellectuals, mainly women - even though they are silenced by excluding their first names in the citations. Against this violent standardized silence, we try, whenever possible, to write women's first names. This demarcation of 'women' proposes the sharing of knowledge of these - and many other - black female intellectuals who challenge the established models for, we hope, a Blackness in education.

Keywords: blacken, social imaginary, *desaprendizagem*, amefricanity, education.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira.
Conceição Evaristo, 2016, p. 7

Ao retratar seu pertencimento a um território, Nego Bispo, isto é, Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 36) conta o seguinte: “quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos recepcionaram”. O intelectual quilombola brasileiro falava dos seres que habitavam antes, todos os seres: as árvores, os animais, as águas e as pedras e, também, os humanos. Essa cosmopercepção¹ (Oyeronke, 2002) - que encara sempre o todo, com quem se compartilha em contínuo (compartilhante) e não aceita a colonização, pois dela não fez parte, foi resistência: contracolonial - é uma de tantas cosmopercepções na grande Abya Yala; ou, em nomenclatura colonial, uma (re)existência na América Latina.

Filósofo² da roça, Nego Bispo semeava palavras no intuito de subverter o que o imaginário da colonização instituiu. Na semeadura, criava palavras onde a razão da gramática colonial não cabia mais, assim como, questionando o significado hegemônico imposto, ressignificou as palavras para um imaginário local de contracolonização, que impregna o solo do território da América Latina

¹ Cosmopercepção é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (Oyeronke, 2002, p. 3).

² Nego Bispo, nascido no Quilombo (território histórico de resistência a escravidão), localizado no atual Piauí, cursou o ensino fundamental; seus conhecimentos da vida o tornaram um intelectual, termo que ele desgostava, assim como outros tantos trazidos do colonizados. Por isso, o filósofo da roça semeava termos como: compartilhante, biointeração, contracolonização, etc. Faleceu em 2023.

a muito tempo em diferentes regiões. A visão é uma perspectiva de olhar ocidental, na contracolonização é preciso sentir as percepções do cosmo, sentidos que nossos ouvidos, olhares e escritos não haviam percebido. O que Nego Bispo (Bispo dos Santos, 2023) explica que:

Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de *conceitos*. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de *guerra das denominações*: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las (p. 13).

Assim, trazemos para o texto dois conceitos para refletir a América Latina e os imaginários: desaprendizagem (Rufino, 2021) e amefricanidade (Gonzalez, 2020). Ressaltamos que são conceitos construídos a partir de outras ideias, temas, discussões e lutas que os autores, Luiz Rufino e Lélia Gonzalez concentram em seus escritos aqui datados. Contudo, como a região temática - América Latina - conceitos têm suas significações em diferentes línguas e regiões. “Ora, essa ‘língua natural’ - que nada tem, evidentemente, de ‘natural’ - sempre é instituída socialmente, e só existe mediante sua instituição social” (Castoriadis, 1987b, p. 413).

Sobre essa perspectiva, aqui, cabe um destaque dos problemas que Noguera (2011) coloca no conceito de afroperspectiva: como discute outro olhar, sempre posicionado pelo olhar afrodescendente (afrocentrado ou afrodiáspórico), tende a questionar, a partir de um *lócus* (texto, autor, norma, imaginário) ocidental colonizado, essas posições hegemônicas; o que, para muitos, pressupõe pouca ou falta de intelectualidade acadêmica. O ponto de partida é o ocidente (hegemônico) e o questionamento é visto como militância, sem um ponto inicial de conhecimento afro. Ora, se muitas referências foram negadas e, as que resistiram, ainda são medidas sob a métrica branca ocidental: a conta não fecha.

As citações diretas de tantas mulheres em um texto científico também é modo de desaprendizagem como marcador comprobatório de desvios semânticos. As epígrafes de literatura demonstram que, para falar sobre mulheres, falamos com mulheres, em uma escrita que pode ser compreendida por todas, para além de espaços acadêmicos. Trata-se de um lugar em que chegamos, mas que ainda insistem em hierarquizar normas, com o padrão europeu e masculino.

“*Tú no puedes comprar las nubes/ Tú no puedes comprar los colores/ Tú no puedes comprar mi alegría/ Tú no puedes comprar mis dolores*”... a canção Latinoamérica do grupo porto-riquenho *Calle 13* descreve alguns imaginários desses povos como uma parábola que junto ao belíssimo clipe acompanha, em

que repete ao fundo “*vamos caminando*”, as diferentes analogias e comparações que unem o que geograficamente parece afastado. Essa nossa escrita, de mulheres, miscigenadas em saberes, que pode ser julgada distante da científicidade acadêmica, é construída na proximidade do campo social mais à margem.

Dessa forma, esse é um motivo maior para pensar outros imaginários e, negar um pouco este conceito. Se, “*este proceso de racialización, estigmatización e inferiorización de las personas africanas y sus descendientes nacidos en América tuvo una génesis de carácter económica*” e, negada ainda por muitos, também foi “*posteriormente justificada y legitimada a través del discurso religioso, filosófico y científico*” (Pineda, 2023, p. 169). O que nos chamou atenção para o dossiê ‘O Imaginário em perspectiva latino-americana: abordagens teórico-metodológicas e novos usos’ foi a “alma tigrada³” da América Latina e como a violência, silenciosa e escrita, a aprisiona e com essa mesma escrita - em vozes e idiomas outros - pode libertá-la.

NEGRAR: CONCEITOS E DESAPRENDIZAGENS

*Uma volta no tempo me permitia significar
um sofrimento que eu vinha carregando a vida inteira.
Conceição Evaristo, 2016, p. 93*

A epígrafe acima, e todas no texto, são do livro ‘Insubmissas Lágrimas de Mulheres’ de Conceição Evaristo (2016). Quem já leu a obra, sabe que a leitura deve ser preferencialmente em um espaço reservado, visto que as histórias fictícias de treze mulheres ficcionadas alcançam sensações que levam ao encontro de seu título. Conceição faz escrevivências, termo cunhado por ela para conceituar a escrita, ficcional, a partir de vivências suas e de outras a sua volta. Esse conceito possibilita, isto é, instiga uma escrita mais aproximada ao leitor, mesmo aos leitores acadêmicos, acostumados a certa dureza nos traços no papel.

Com essa inspiração adentramos um de muitos imaginários sociais possíveis - a linguagem. Escrevemos com forte tendência de oralituras (Martins, 2003) onde o corpo, gesto, vocalização estão presentes na grafia. Tendência cultural da América Latina e suas miscigenações impostas e instituídas pela colonização. Diferente da colônia, do lado americano, foi preciso desenvolver

³ A citação “alma tigrada” está na chamada para este Dossiê. Embora faça referência a obra de Gilbert Durand (*L'âme tigrée*, 1980), neste trabalho, é vista sob a ótica da obra Dispositivo da Racialidade de Sueli Carneiro (2023) propiciando o desenvolvimento deste artigo a partir das significações da linguagem de Cornelius Castoriadis (1982).

artimanhas para sobreviver e resistir diante da dominação, inclusive e aqui tratada, a dominação epistêmica europeia. Artimanhas que convergem com registros trazidos por Leda Martins (2003):

A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei **oralitura**, matizando na noção deste termo a singular inscrição cultural que, como letra (*littera*) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significante, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas (p. 77, grifo da autora).

Nessa oralitura, o dito e o não-dito foram criando formas de racismos que perduram no Brasil. As relações raciais são complexas e as soluções precisam ser criativas. Com essas tensões, não só brasileiras, mas na América Latina, os conhecimentos também são miscigenados. Ancestrais indígenas e afrodescendentes que adentraram o espaço da escrita no século passado, foram educados pela ideia colonial de um saber superior vindo da Europa. Estar nesse sistema de ensino não é garantia de controle, inclusive pode ser motivador de novas indagações e proposições de compreensão da realidade Amefricana.

A partir do conceito de dispositivo do filósofo francês Michel Foucault⁴, a filósofa afro-brasileira Sueli Carneiro propôs, em sua tese de doutorado, o dispositivo de racialidade. O dispositivo de Foucault engloba diversos elementos em circunstâncias, tempos e lugares múltiplos, que estabelecem relações de forças entre o ‘Eu’ e o ‘Outro’. Este ‘Eu’ padroniza, pois coloca-se como ponto nuclear, o ‘Outro’ é o ponto de comparação; “Esta é a prática divisória que um dispositivo institui no campo ontológico: a constituição de uma nova unidade em cujo núcleo se aloja uma nova identidade padronizada, e, fora dele, uma exterioridade oposta, mas essencial para a afirmação daquela identidade nuclear.” (Carneiro, 2023, p. 28).

Enquanto Foucault demarca as relações de poder na sexualidade, quando aporta o dispositivo, Sueli Carneiro abraçando o conceito demarca as relações raciais no Brasil com o Dispositivo da racialidade. Caracterizando o epistemocídio que ocorre com o conhecimento afro-brasileiro, para Carneiro (2023, p. 33), “de diferentes modos, desenrola-se um processo de ‘expurgo’ do mal do corpo branco ao depositá-lo nos ‘outros corpos’”. E, compreender este dispositivo de racialidade que tem múltiplos *eidos*, é princípio de resistência, ou, aqui, desaprendizagens:

⁴ A obra fica exposta no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) no Rio de Janeiro, RJ.

É o campo das resistências que vincula o negro ao dispositivo de racionalidade como sua contrapartida necessária, entendendo que onde um campo de poder se institui são produzidas resistências. E as resistências criam condições para a reinserção no dispositivo, para negociação com o poder e para as disputas sobre a verdade histórica.

[...]

A outra possibilidade de reação ao dispositivo de racionalidade advém da constituição do sujeito coletivo demandador de direitos, que busca o reconhecimento como sujeito político; será por meio desse reconhecimento que se promoverá a transformação dos pactos sociais pela inclusão dos negros enquanto coletividade (Carneiro, 2023, pp. 54-55).

Para negar o imaginário social, a linguagem é chave para adentrar diferentes ambientes, entre eles a educação formal. “*El mismo lenguaje que me permitió terminar el posgrado, escribir una tesis y hablar en entrevistas de trabajo huele a opresión*” (hooks, 2023, p. 55). Nesse sentido, bell hooks descreve que a educação, que geralmente apresenta o racismo às crianças, é o espaço de luta libertadora de todos os tipos de preconceito - o campo de disputa. Campo que será hostil inclusive ao se estar entre os professores da instituição, mas que também permite a afirmação para enfrentar a realidade (hooks, 2023). Também a afro-brasileira Beatriz Nascimento relata:

Acho que muita criança negra tem esse problema e é por isso que não estuda, muitas vezes não passa de ano, tem dificuldade na escola por causa de um certo tipo de isolamento que não é facilmente perceptível. É aquela mecânica de educação que não tem nada a ver com esses grupos de educação familiar, a mecânica da leitura, onde você não sabe quem é, porque não está nos livros. Quando eu comecei a mergulhar dentro de mim, como negra, foi justamente na escola que era um ambiente onde eu convivia com a agressão pura e simples, com isolamento, com as interpretações errôneas, estúpidas das professoras, ausência de pessoas da minha cor na sala de aula, a falta de referência (Nascimento, 2018, p. 251).

Para negar imaginários sociais, toda sociedade precisa mover-se, ao menos um pouco, para combater ações como as relatadas acima pela professora e intelectual Beatriz Nascimento (1942-1995). A escola, a educação em seus livros, escritos, educadores deve estar atenta para outros agentes de saberes que fazem do social (da sociedade) um múltiplo de mudos outros que cedo ou tarde reverberam na formalidade das instituições de ensino.

Afirma-se um negar quando, em espaços antes não adentrados por mulheres negras, compartilhamos seus ensinamentos. Assim, nesses espaços de disputa, a sede por igualdade e liberdade faz mulheres negras - todas, mas em especial a negra como grupo instituinte de outras maioria minorizadas - organizarem estratégias que aperfeiçoam metodologias, teorias e terminologias (Carneiro, 2019; Hudson-Weems, 2020); ou seja, um negar, para demarcar as posições de resistências na academia para uma educação mais igualitária, para a libertação coletiva.

UM TIGRE, DOIS TIGRES, TRÊS TIGRES

E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso.
Conceição Evaristo, 2016, p. 7

Na linguagem, com as significações de Castoriadis (1982, p. 259), onde “dizer é dizer algo de determinado (*ti legein*)” e o que Kurek (2009, p. 32), explica sobre preconceito, pondo-nos “agora na posição de um iniciante - cheio de preconceitos, é certo -, mas que procura conversar para, quem sabe na interlocução superar esses equívocos”. Assim, desafiados por Rufino (2021, p. 19), propomos desaprendizagens e, “nesse sentido, nos pegamos a desaprender de tanta coisa como mero ato de rebeldia e inconformidade”. É na tensão, no diálogo coletivo, na construção de comunidades amorosas (hooks, 2021) que estamos desaprendendo e aprendendo juntas (os). Sigamos.

Desaprendendo essa escrita ‘trava-língua’, um tigre (*Panthera tigris*) é o animal mamífero felino originário da Ásia. Selvagem e ameaçado de extinção, possui algumas subespécies, sendo que a mais conhecida tem pelagem em tons de laranja-avermelhado a branco, com listras pretas pelo corpo. Tigre, também é o nome de uma cidade na Argentina; times de futebol pelo mundo (em diversas línguas), marcas de infinitos objetos e comércios, nome de jogo de tabuleiro, nome de apostas virtuais. A flexão de gênero - tigresa - também acompanha indeterminadas denominações de todo tipo de coisa. No Brasil, mais especificamente na capital do império do Brasil, no Rio de Janeiro dos séculos XXVIII e XIX, “tigre” era o ser humano negro, escravizado e de aluguel que retirava dejetos humanos das residências. De acordo com Souza (2007):

[...] Mais uma vez, os escravos vão servir para suprir tal deficiência na estrutura organizacional urbana. Entram em cena os escravos conhecidos como Tigres, que eram encarregados de remover as imundícies, principalmente, das residências para os locais de despejos.

Nesse contexto, se por um lado, os Tigres livravam as residências dos incômodos rejeitos, por outro contribuíam fortemente para ampliar o estado de sujeira ou falta de asseio da cidade do Rio de Janeiro, destacadamente, durante a primeira metade do século XIX. Eram pessoas, que por conta do conteúdo que carregavam, despertavam certos receios. Os Tigres eram percebidos como figuras abomináveis e com o crescimento da campanha civilizatória, principalmente, a partir de 1850, a atuação dos Tigres seria duramente criticada (p. 64).

Andréa Souza (2007) em sua dissertação sobre a questão ambiental do Rio de Janeiro no século XIX relata que são incertas as razões do termo “tigre” ter sido aplicado aos escravizados que exerciam a função de carregar os dejetos. No estudo, a autora aponta o fato da ferocidade do animal como suposto aviso

para manter distância, assim como o fato dos dejetos que caiam dos barris formarem compostos químicos que marcaram a pele dos carregadores, formando listras tigradas. De certo, é que a repulsa social e os estigmas de inferioridade eram agravados aos escravizados denominados tigres.

Na sociedade escravista existia uma hierarquia social, na qual os designados às tarefas degradantes (como: limpar, varrer, carregar e despejar as imundícies) eram considerados de baixo status. Os Tigres se encontravam no extremo inferior dessa hierarquia; identificados, primordialmente pela atividade que exerciam, acabavam relegados ao afastamento social e, colocados à margem dos padrões morais, éticos e higiênicos, o que fazia com que as fronteiras entre eles e a população em geral fossem mantidas de forma rígida. Fronteiras demarcadas por ações, expressões e termos depreciativos (Souza, 2007, p. 69).

Se a alma tem cor, não nos interessa, sequer discutimos, por crença ou ciência, se ela existe, ela está no nosso imaginário. Quanto aos tigres, os homens - tristes operários, como denomina a dissertação de Souza - expulsos da historiografia brasileira, colocados a margem mais externa de uma margem racista na sociedade escravagista estabelece, ainda, um imaginário que alimenta o dispositivo de racialidade. Precisamos cismar, mais um pouco, sobre as aprendizagens para encontrar modos criativos de desaprender.

DESCOBERTA COMO CONCEITO (ULTRA)PASSADO

*Então as histórias não são inventadas?
Mesmo as reais, quando são contadas.
Conceição Evaristo, 2016, p. 7*

Talvez o maior imaginário da Améfrica Ladina (a partir da utilização de Lélia Gonzalez) seja a ‘descoberta’. A ideia da descoberta de um suposto “Novo mundo”, em contraponto ao “Velho mundo”, legitimando uma pretensa anterioridade civilizacional da Europa como berço da humanidade, o que não se confirma historicamente. Essa conquista que tem data no calendário gregoriano. Ocorre que esse calendário foi criado após esta tal descoberta que propulsiona, ainda, incontáveis imaginários outros. Aliás, são tantos imaginários a serem pensados sobre a América Latina e nossas relações com o mundo que escolhemos um movimento de desaprendizagens. Parafraseando Deonir Luís Kurek (2009) sobre ‘essas coisas do imaginário’, acreditamos que temos a mesma idade de nossos preconceitos:

Faz-se necessário uma breve explicação do que entendo por “preconceito”. Não me refiro, com a utilização desse termo, a julgamentos morais negativos de uma subjetividade, como quem diz: “fulano é preconceituoso”. Imprimo a esse termo - preconceito - o conjunto de saberes que temos, os quais fundamentam nossas opiniões e ações diante do mundo que

nos cerca. Fundamentam, inclusive, nossa concepção de mundo. É importante essa nota, porque se aprendemos numa determinada lógica de pensamento, teremos, então, uma série de preconceitos que serão decisivos no modo como julgarmos outras lógicas com as quais tivermos contato (p. 32).

Deonir Kurek desloca conceitos, principalmente do próprio termo - imaginário - e os seus (maus, bons, equivocados, parciais, indefinidos, debochados, etc.) usos nos campos filosóficos e da educação. Nessa discussão, o autor busca, mas não garante, uma resposta. O que quem adentra os estudos do imaginário entende, pois Kurek avisa que “chegar a uma definição de imaginário seja algo difícil, mas o próprio termo causa certo fascínio. É, acredito que todos concordam, uma palavra bela ou, pelo menos, instigante” (2009, p. 33). Por isso, instigadas, aceitamos o convite do texto de aprofundar nossa própria existência buscando outros encantes de outros imaginários que trazem significações de um imaginário com mais cor, cor preta que terá variações nessa grande *Abya Yala*, com nuances carregadas de preconceitos e, oxalá, desaprendizagens ética, estética e politicamente corretas.

Para desaprender, nos apegamos ao autor afro-brasileiro Luiz Rufino (2021) e seus modos de educar:

Para que a desaprendizagem não seja entendida como uma anulação da experiência é necessário credibilizar o que aprendemos de maneira processual e não em uma lógica acumulativa. Esse processo, permeado de conflito, proporciona a crítica, a invocação da dúvida, a disponibilidade para o diálogo e o reconhecimento do caráter inconcluso dos seres e do mundo. A educação como parte de uma aprendizagem das coisas do mundo permite um contínuo refazer de si - autônomo, livre e em permanente afetação pelo outro (p. 19).

Como ética depende da pessoalidade, buscamos que cada um aceite o convite a essa desaprendizagem que é, além de um questionamento do imaginário instituído, “um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros modos” (Rufino, 2021, p. 19). Luiz Rufino, traz, na nossa percepção, um movimento ao imaginário instituído da educação que parece conservadora: cismar. Para o autor, o Brasil é tão plural, que as educações aqui também o são, mesmo que de maneira tímida, mas resistente.

As educações em curso na sociedade brasileira são plurais, assim, existem modos conservadores, mantenedores de desigualdades, redutores de complexidade do mundo, violentos, irresponsáveis, modos calçados no pilar da política colonial. Ao mesmo tempo, há outras possibilidades, outros modos, emergentes, transgressivos, inconformados, rebeldes e comprometidos com a liberação (Rufino, 2019, p. 55).

Luiz Rufino fala da educação como uma flecha, que não atinge a todos, não é feita do mesmo modo nem manuseada com a mesma destreza, mas construí-

la e acertar o alvo é um processo de aprendizagem (2021). Uma maneira não contumaz de exemplificar a educação no modelo progressista, talvez, mas uma boa descrição da educação do ponto de vista de um afrodescendente. Não só no Brasil, mas na América Latina, a educação não foi, nem é pensada para os negros. Atingi-la é para poucos, por vezes é preciso um longo processo de aprendizagem social colonial branca heteronormativa e todas as nomenclaturas que o capitalismo instituiu e a academia pesquisa. Acrescentamos que se trata de aprendizagens éticas, políticas e estéticas porque dizem de outras formas de ser e de pensar o mundo, a sociedade, o ser e o viver.

Aceitando o preconceito (Kurek, 2009) para desaprender, deparando-se com o racismo, mesmo que ele seja da forma sofisticada como o racismo à brasileira (Munanga, 2005), aproximando-nos das significações imaginárias da linguagem de Cornelius Castoriadis (1982) pensemos na América Latina de “alma tigrada” porque seria pintada de diferentes tintas. “É necessário retornarmos à questão da significação”, lembra Castoriadis (1987, p. 411):

Ora, esta “língua natural” - que nada tem, evidentemente, de natural - sempre é instituída socialmente, e só existe mediante sua instituição social. Por isso mesmo, ela carrega - ela veicula - significações que não são conjuntista-identitárias: significações imaginárias sociais. Mas sabemos igualmente - e voltamos a constatá-lo - que é impossível falar, não importa em que perspectiva, sem utilizar os operadores conjuntistas-identitários (e, por exemplo, os operadores classe, relação e propriedade). Daí dizemos que a “parcela” conjuntista é “ubiquamente densa” na linguagem natural (p. 413).

Entendemos o *L'âme tigrée* de Gilbert Durand (1980), mas na América Latina e especificamente no Brasil, essa pintura “tigrada” tem diferentes imaginários, mitos e arquétipos. Um, apenas um exemplo, é a pintura “A redenção de Cam” de Modesto Brocos (Figura 1), obra difundida nos livros didáticos como demonstração do branqueamento da população brasileira. Mas não só. O quadro que traz no nome a personagem bíblica de Cam, o filho amaldiçoado de Noé, descreve em sua representação uma “típica” família (da esquerda para a direita): uma mulher negra de pele escura, descalça na terra, em pé com cabeça e mãos elevadas ao céu como em prece; uma mulher negra de pele clara sentada com uma criança branca no colo; sentado na entrada da casa, sobre uma calçada, um homem branco.

FIGURA 1: A REDENÇÃO DE CAM (1895)



Fonte: EDUSP (2018)

Teríamos muitas possibilidades de análises da pintura, porém ficamos com a representação de uma obra que, mesmo sem a nomear, muitos conhecem tamanha sua divulgação. “Basta ser um pouco negro para sê-lo totalmente, mas para ser branco é necessário ser totalmente. Esse esquema obedece a um determinismo sócio-político e não biológico” (Munanga, 2020, p. 25). Voltamos às significações imaginárias da linguagem ao trazer a pintura que, com o mito do branqueamento, saudava a miscigenação da população, ao passo em que estabelecia uma hierarquia cromática e social: de moreno, mulato ao pardo, qualquer cor que afastasse a negrura do povo foi incentivada, inclusive com políticas de imigração europeia e depois japonesa no Brasil. O professor Griot⁵ Kabengele Munanga, congolês radicado no Brasil, destaca sobre a mestiçagem que “é importante sublinhar os preconceitos raciais associados a essa diversidade de

⁵ Griot (Griote) é a denominação do sábio em algumas civilizações africanas. Há algumas exigências, como idade e vivência em comunidade para ser considerado um Griot.

definições”; visto que, “além da confusão entre o conceito biológico de miscigenação e cultural de transculturação ou aculturação, o fenômeno de impiedade é designado por uma polissemia terminológica segundo as nações, as regiões, as classes sociais e as situações particulares de linguagem” (Idem, p. 26).

Kabengele Munanga, estudioso do racismo, encontrou no Brasil, classificando-o como “sutil” em suas artimanhas de manutenção na sociedade. Uma maneira sutil diz respeito as não-definições na linguagem do que é ou não negro, afro, preto, raça, cor; existem tantas outras significações que criaram um imaginário de uma convivência harmoniosa nas relações étnico-raciais brasileiras. Sheila S Walker é professora estadunidense, multiartista, escritora e documentarista que cataloga histórias na Améfrica Ladina, onde encontrou a invisibilização como “o Chile, como a Argentina, nega a existência dos afrodescendentes na história e no presente do país” (Walker, 2018, p. 37).

Juntando os pedaços de nossas histórias e culturas, aprendemos, sobretudo, que não se pode compreender as Américas sem compreender nossos papéis, passados e presentes, em sua construção e evolução. Desta forma, a história afrodiáspórica que se conta aqui desde dentro é também uma história pan-americana que é de todos.

[...]

Os europeus, que atravessaram o Oceano Atlântico para se enriquecer nas Américas, usaram para este fim africanos que transportaram como mercadorias, nos Infernais “navios negreiros”, na maior migração forçada da história humana. Neste processo, grupos organizados, famílias e etnias africanas foram destroçados e dispersos do Chile até o Canadá, de modo que não há país das Américas sem população e cultura de origem africana (Walker, 2018, p. 12 & p. 15).

Sheila S Walker cria materiais didáticos sobre a afrodiáspora, entre eles o documentário Rostos familiares, lugares inesperados e organizou o livro *Conhecimento desde dentro*, ambos em 2018, onde ouviu grupos afrodescendentes da América do Sul. No livro há relatos que entre políticas, a linguagem teve forte influência ao criar mitos sobre a passividade e fragilidade diante do progresso vivenciado pelos países. Por isso precisamos continuar cismando.

AMEFRICANIDADE COMO CONCEITO HOLÍSTICO

Da voz outra, faço a minha, as histórias também.
Conceição Evaristo, 2016, p. 7

Dessa mesma forma, a linguagem é força motriz de resistência ao reconhecer as influências e sua autodenominação, em oposição aos “nomes pejorativos dados” pelo colonizador, pela ressignificação de termos como negro, *cimarrones*, *raizeros* e *palenqueros*. “No processo de desaprender o ‘alienante aprendido’,

seria óbvio que os membros do grupo se entusiasmassem por desaprender mitos e mentiras, por aprender e compartilhar verdades” (Walker, 2018, p. 28).

No caso da sociedade de origem Latina, temos o racismo disfarçado ou, como eu ou classifico, o racismo por denegação. Aqui, prevalecem as teorias da miscigenação, da assimilação e da democracia racial a chamada América Latina que, na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa, apresenta-se como o melhor exemplo de racismo por denegação (Gonzalez, 2020, p. 130).

A intelectual afro-brasileira Lélia Gonzalez, a partir das discussões de Améfrica Ladina de Betty Milan e M. D. Magno (2008), volta-se à amefricanidade como categoria de análise das questões étnico-raciais do continente. Importante, antes de seguir o texto, destacar que o humano que se designa branco também faz parte dessas relações. Lélia Gonzalez (2020) traz as duas principais divisões raciais em mundos colonizados: a segregação - ‘separados mas iguais’, como convencionados na África do Sul ou no sul dos Estados Unidos, onde essa ‘igualdade’ era determinada no campo destinado ao superior (branco) e ao inferior (negro) mantendo-os separados; e denegação que seria o modelo adotado na América Latina e América insular (Caribe) - onde a conveniência dita o que deve ser apagado, dissimulado, apropriado -, incrustada de valores morais, crenças e ideologias impostas pelos brancos dominantes que debatem regras que, por mérito (mito), dariam algum espaço aos colonizados melhor adaptados ao sistema. Lélia Gonzalez (2020), afirma que:

Por isso mesmo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais (p. 131).

Essas diferenças entre segregação e denegação também fazem as lutas diferentes. Parece muito mais organizada uma luta com regras estipuladas e em uma comunidade segregada com unidade. Na denegação, o jogo é mais difícil porque muda assim como os jogadores: estudo, religião, profissão, círculo social, etc.; são múltiplas possibilidades de jogar com a memória e com o esquecimento cultural para manter o *status quo* na sociedade latina. As festas e o esporte, em especial o futebol, são exemplos de como o ‘jogo racial’ se mostra, tendo usos de perpetuação ao mesmo tempo que de revolução. O imaginário étnico-racial latinoamericano é muito complexo, entretanto um desses imaginários reconstruídos é ladinoamefriano.

As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (*Americanity*) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para o entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: a AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular) (Gonzalez, 2020, p. 134).

A principal razão para Lélia Gonzalez discutir o conceito é trabalhar com a memória, mas não só como um retorno aos preceitos africanos ou indígenas; é pensar que a dor do genocídio - africano e indígena - assim como todas as lutas, opressões, resistências, exploração, adaptações, epistemicídios, criatividade e ressignificações são parte do que somos hoje. Isso, a amefricanidade para “voltar o nosso olhar para a realidade em que vivem todos os americanos do continente”, também é desaprendizagem necessária (Gonzalez, 2020, p. 136).

Com este olhar, trazemos as discussões do Congresso de Pesquisadores Negros - COPENE 2018 - que debateu a negação da história dos negros na historiografia das nações latinoamericanas. Anny Ocoró Loango, professora e pesquisadora afro-peruana, lembra que as políticas de todos os países colonizados, desde “a descoberta”, negam a contribuição afrodescendente e indígena na construção dessas nações. Com resistência e organização, “ao trazer o olhar para as questões do mundo globalizado do século XXI, a pesquisadora afirma que o contexto latino-americano passa por transformações importantes”. Entre diferentes ações dos países, Anny destaca “os avanços da etnoeducação ocorridos nas últimas décadas aconteceram na esteira de governos progressistas da região. Agora, diante do crescimento de pautas conservadoras e neoliberais, o tema é confrontado por novas discussões e embates” (Reis, 2018, p. 84). Não deixemos de cismar, o tempo precisa que permanecemos em alerta.

DESAPRENDIZAGENS COM DISPOSITIVOS MÚLTIPLOS

Para mim, uma conversa, ainda mais que eu estava ali para ouvir, tinha de ser olho no olho.
Conceição Evaristo, 2016, p. 81

Nesta conversa sobre negrar o imaginário social, a escrita não permanece como único ou maior dispositivo para discussão. Assim como uma obra – A redenção de Cam⁶ - que antes ficaria apenas no acervo físico, podemos acessá-la em livros físicos ou virtuais. As expressões que possibilitam outros imaginários

⁶ O conceito, citado na chamada do Dossiê, vem da obra *L'âme tigrée* de Gilbert Durand (1980), neste texto contextualizada para a realidade brasileira no subcapítulo: Descoberta como conceito (ultra)passado.

podem vir por meio da produção audiovisual que tem sido responsável por apresentar narrativas que estavam invisíveis, como o documentário “Rostos familiares, lugares inesperados”, citado no início do texto. Nesta conversa, repetimos, a oralidade delineia o caminho, nada linear, da memória amefricana. Na dobra da palavra (Rufino, 2019), alguns conceitos são recriados, dado duplo sentido (ou triplo, ou múltiplo), entrelinhas e regionalismos. Um modo de sobrevivência. Para Hernández e Jiménez (2023),

Não restam dúvidas de que foram os povos em resistências que nos mostraram o caminho, mas as mulheres foram e continuam sendo as que colocam em evidência a arte de organizar a esperança. Ainda assim, mulheres de todas as idades, tempos e geografias, que defendem os territórios, são invisibilizadas, apagadas e silenciadas, mesmo sendo elas as que reproduzem a vida da própria resistência; sendo seus corpos os primeiros objetivos militares para a expropriação; sendo elas as cuidadoras das próximas gerações; sendo elas as que têm que cumprir, além de uma múltipla jornada, uma dupla militância (fara e dentro de suas comunidades) (Hernández e Jiménez, p. 24).

Uma sobrevivência que fizeram Delmy Tania Cruz Hernández e Manuel Bayón Jiménez (2023) organizar um livro sobre metodologias, teorias e lutas políticas na América Latina, tendo como base as mulheres em organizações comunitárias. A obra tem uma escrita (de)marcada pelo compartilhamento de saberes, experiências e percepções. Aqui, além de mostrar um dispositivo de escuta e troca entre organizações - de mulheres neste caso - como dispositivo de desaprendizagem. Visto que, mesmo nos imaginários decoloniais, progressistas ou libertários, ainda, a presença feminina é reduzida, um exemplo simples é a norma de citação de obras no texto escrito ser o último sobrenome: que imaginários permanecem? Mariléia de Almeida (2022) propõe pensar história e o conceito de experiência:

História e o conceito de experiência estão estreitamente conectados nas teorias feministas, já que o projeto político dos feminismos é marcado pela necessidade de tornar visíveis práticas femininas outrora silenciadas pelos mecanismos de exclusão das narrativas masculinistas nesse projeto teórico político, a história se torna uma ferramenta privilegiada, tanto por permitir que as experiências de mulheres silenciadas no passado possam ser cartografadas, com a revisão de fontes históricas, como por favorecer a desnaturalização das identidades de gênero, já que nos permite acompanhar como elas foram construídas (p. 59).

Ao trabalho especificamente sobre a escrita de mulheres quilombolas, Mariléia de Almeida lembra que a falta de referências faz com que a forma de escrita seja na “contracorrente da semântica da falta”, pois, “trata-se de uma abordagem que possibilita analisar os deslocamentos, a criação de espaços outros que rasuram a semântica do espaço de falta, criando, portanto, territorialidades diferentes” (2022, p. 79). São diversas as discussões que trazem a linguagem escrita de mulheres, de mulheres negras e de mulheres não-brancas, como rasura, desvio,

ou neologismos que demarquem o diferencial dessas escritas. “Entre negros e indígenas das Américas a escrita traz toda uma identificação que é híbrida. Por mais que quiséssemos um retorno às origens, as negras e as indígenas, foram afetadas pelas colonização (sic)” (Barbosa & Oliveira, 2024, p. 7).

Em uma América Latina miscigenada, multiétnica, imaginários vindos pelos oceanos construíram essa história, pouco encantada. Nos saberes indígenas e africanos, a palavra falada é fonte de magia, o corpo é mente e alma (energia vital: axé); os saberes incorporam percepções do cosmos, da natureza e do outro, somos coletivamente (sou porque somos: ubuntu). E na rigidez da norma escrita, somos sonoridades, movimentos que resistem e persistem em diferentes espaços, mesmo onde não há convite. Se negros e indígenas invisibilizados construíram a história do mundo, precisamos desaprender que as mulheres, amefricanas, ainda lutam para fazer parte de um imaginário coletivo que invisibiliza, inclusive, seu nome próprio nas referências e citações de artigos. Essa padronização é ensinada por uma norma que urge por um desaprendizado ético, estético e político.

Esta grande porção terrestre denominada América Latina, por imposição antiga e um contemporâneo desejo do novo, convive tensionada por lutas e por violentos silêncios. Os espaços políticos, científicos, midiáticos, econômicos, culturais, históricos e sociais precisam ser provocadores de imaginários para um bem compreender essas realidades diversas. Com essa conversa, tentamos aproximar os conceitos teóricos às construções de intelectualidade que vislumbram modos outros - voz, música, literatura, corpo-presença, experiência, escrevências - de escrita e compartilhamento de saberes para o conhecimento desde aqui: Améfrica Ladina. Cismando com a história, construindo criativamente soluções de auto(re)conhecimento coletivo, assim, iniciamos a conversa que é longa e deve continuar em outros espaços com outros participantes. Sinta-se convidado.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. de. (2022). *Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. Elefante.
- Barbosa, I. E. & Oliveira, V. F. (2024). *Escritas de M.I.N.: Mulheres Indígenas e Negras*. Discursos, Memórias Negras e Esperança na América Latina.
- Bispo dos Santos, A. & Pereira, S. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora.
- Carneiro, S. (2019). *Escritos de uma vida*. Pólen Livros.

- Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não fundamento do ser*. Zahar.
- Castoriadis, C. (1987a). *As encruzilhadas do labirinto: O mundo fragmentado*. Paz e Terra.
- Castoriadis, C. (1987b). *Encruzilhadas do Labirinto II: domínios do homem*. Paz e Terra.
- Durand, G. (1980). *L'âme tigrée*. Denoël/Gonthier.
- Gonzalez, L. (2020) *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Zahar.
- Hernández, D. T.C. & Jiménez, M. B. (Eds.). (2013). *Corpos, territórios e feminismos: compilação latino-americana de teorias, metodologias e práticas políticas*. Elefante.
- Hooks B. (2021). *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Elefante.
- Hooks, B. (2023). *Respondona*. Ediciones Paidós.
- Hudson-Weems, C. (2020). *Mulherismo Africana: recuperando a nós mesmo*. Editora Ananse.
- Kurek, D. L. (2009). Essas coisas do imaginário. In L. M. V. Peres, E. Eggert, E. & D. L. Kurek (Eds.), *Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras* (pp. 31-40). Liber Livro.
- Magno, M. D. (1980). *América Ladina: introdução a uma abertura. Seminário 1980*. NovaMente Editora.
- Martins, L. M. (2003). Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), 63–81. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>
- Munanga, K. (2020). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Autêntica.
- Nascimento, B. (2020). *Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. Editora Filhos da África.
- Noguera, R. (2011). Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. *Griot: Revista de Filosofia*, 4(2), 1–19. <https://doi.org/10.31977/grirfi.v4i2.500>
- Oyewùmí, O. (2002). Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In P. H. Coetzee, & A. P. J. Roux (Eds.), *The African Philosophy Reader* (pp 391-415). Routledge.
- Perez, R.; Cabra, E.; Arcaute, R. I. (2010). *Latinoamérica. Calle 13 (participação Susana Baca, Totó la Momposina, María Rita)*. [Video]. <https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>.
- Pineda, E. (2023). *Ser afrodescendente en América Latina: racismo, estigma y vida cotidiana*. Prometeo Libros.

- Reis, M. V. (2018). As novas problemáticas da produção do conhecimento na América Latina. *Revista do X COPENE*, 82-87.
- Rufino, L. (2019). *Pedagogia das Encruzilhadas*. Mórula Editorial.
- Rufino, L. (2021) *Vence-demanda: educação e descolonização*. Mórula Editorial.
- Souza, A. D. C. (2007). *Tigres: tristes operários do labor imundo*. [Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental]. Universidade Federal Fluminense.
- Walker, S. (Eds.). (2018). *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias*. Kitabu.
- Walker, S. (2018). Rostos familiares, lugares inesperados: uma diáspora. [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=g1BceeLjIRo>.